

Relevância das Políticas Públicas

Populismo



Master and Doctoral Consortium for
Research on Public Policy

2nd Meeting

University of Évora, Portugal, 14-15 June 2018



Sessão 3: Pesquisa Pós-Doutoral
14/06/2018 (sala 119)

O que é o Populismo?

- O populismo é um fenómeno político difícil de definir e, portanto, de medir.
- Tanto é temido como glorificado e a sua teorização corre o risco de se transformar, em si, numa afirmação política.
- Em sociedades livres e democráticas, diferencia-se popular e o populismo. Com base numa crítica construtiva, diferenciam-se comportamentos moderados, em prol da justiça e da mobilidade social, de discursos extremistas baseados em ideologias antissistema e em programas difusos, supostamente em prol do povo.
- Palavras-chave: Populismo, Democracia, Extremismo, Antissistema.
- Cf. Sousa Galito, Maria (2017). “Populismo – Conceptualização do Fenómeno”. CESA/CSG, WP 158, pp. 1-32.

Três Principais Linhas de Investigação sobre Populismo

	Definição de Populismo	Unidade de Análise	Métodos Relevantes	Referências
Ideologia Política	Conjunto de ideias interrelacionadas sobre a natureza sociopolítica	Partidos e líderes partidários	Literatura partidária. Análise qualitativa de textos	Mudde (2004, 2007) Mudde e Kaltwasser (2012)
Estilo Político	Discurso com características específicas para reivindicação política	Textos Discursos	Análise interpretativa dos textos	Kazin (1995) Laclau (2005) Panizza (2005)
Estratégia Política	Uma forma de organização e de mobilização	Partidos (com enfoque nas estruturas), líderes e movimentos sociais	Análise histórica comparativa e estudos de caso (<i>case studies</i>)	Roberts (2006) Weyland (2001) Jansen (2011)

Fonte: Baseado em Gidron e Bonikowski, 2013: 17

Dicotomias Populistas

Cara	Coroa
Povo	Elite
Plebeu	Nobre/Aristocrata
Pobres	Ricos
Bons	Maus
Puros	Corruptos
Nós	Outros
Excluídos	Incluídos
Sem acesso a direitos e garantias	Privilegiados
Estatuto social inferior (cidadão de segunda)	Estatuto social superior (cidadão de primeira)
Honesto e trabalhador	Preguiçoso e ladrão
Mérito	Cunha
Popular	Pedante/Snob (para quem o povo é ignorante)
Sinceros (dizem/fazem o que pensam)	Politicamente corretos (fingidos)
Não tem culpa	Responsável (pela crise)
Defesa	Ataque
Corajosos	Cobardes
Vítima	Opressor - Criminoso/Terrorista

Fonte: Autora

Diferenças entre Popular e Populista

Popular	Populista
Sistémico	Anti-sistémico
Ordem democrática	Desordem democrática
Moderado	Extremista
Medidas concretas	Plano difuso
Promessas que cumpre	Promessas que não cumpre
Protetor	Paternalista
Previsível	Imprevisível
Realista	Idealista
Crítica construtiva	Crítica destrutiva
Seguro	Perigoso

Fonte: Autora

Conclusão

O populismo nada tem de moderado. Nem sempre foi considerado um termo pejorativo. A sua notoriedade depende da época, da região e da ideologia de quem o pratica ou comenta. Pode ter características regionais adaptadas à cultura e à religião dominantes, para melhor aceder aos recursos (riquezas territoriais) ou ao poder (controlo sobre as populações) mas, sob perspetiva macro, desenha um padrão comum que se repete: tende para o extremismo, é oportunista e anti-sistémico.

- *Responder à pergunta: “Quem é populista” pode ser, em si, uma afirmação política (raramente é neutra).*
- *Há políticos que se afirmam contra o populismo que, com base nos seus discursos e comportamentos, se podem considerar populistas.*

Populismo – Lições da República Romana

- As origens dos romanos eram conflituosas e a Monarquia sofreu um golpe de Estado violento, resultante de expectativas sociais defraudadas. Uma República autodestrutiva com regime bipartidário e eleições anuais altamente competitivas abriu portas ao populismo. Este foi instrumentalizado pelas elites, tanto *optimates* como *populares*, na tentativa de sobreviverem às insatisfações coletivas e às guerras civis, mas também minou um regime político (República) e ajudou a implementar outro (Império).
- Palavras-chave: Monarquia, República, populismo.
- Cf. Sousa Galito, Maria (2017). “Roma Antiga – Uma Perspetiva de Análise”. CESA/CSG, WP 159, pp. 1-33.

República romana (com luta de classes?)

- Havia eleições todos os anos.
- O *cursus honorum* era uma escada subida pelos cidadãos, ao longo da vida.
- O consulado era forma partilhada e temporária de poder, assegurada por dois homens por ano que, numa primeira instância, eram apenas patrícios. Depois os 'plebeus' exigiram direitos e garantias iguais e as portas foram-se abrindo, até atingirem o topo da hierarquia.
- Democracia ou Oligarquia encapotada?
- **Rule of Law. Roma tinha uma “Constituição”**: As leis das XII Tábuas, criadas para reforçar códigos uniformes de conduta social «(...) restringindo a formação desregrada de normas costumeiras, julgamentos imprevisíveis e fortalecendo direitos patrimoniais, essenciais para a prosperidade da oligarquia. A pretensa neutralidade do Direito positivo, ficção que afasta a realidade da classe dominante como criadora do Direito, faz dele o instrumento ideal para legitimar e mesmo aumentar o poder da elite (...)» (Menezes, 2012: 60-61)

- As guerras púnicas levaram Roma ao limite e, embora a cidade tenha vencido o desafio, o seu paradigma sociopolítico mudou.
- A agenda popular, baseada na reforma agrária e na distribuição de grão gratuito (ou a baixo custo) aos desfavorecidos, causou maior impacto após as reformas militares de Gaio Mário, com o recrutamento massivo das classes baixas, mais fiéis aos seus comandantes do que ao Estado, ganhando poder coletivo nos escrutínios.
- A agenda dos “melhores” favorecia as elites dominantes, que geriam orçamento do Estado limitado e investiam, com capital próprio, em obras públicas.
- *Populares*: irmãos Graco, Gaio Mário, Clódio, César.
- *Optimates*: Sula, Cícero, Catão, Marco Bruto.

Tribuno da plebe (porta-voz do povo?):

- O tribunato da plebe foi criado para defender os 'plebeus' dos abusos dos patrícios (~494 AC) e tornou-se trampolim para jovens com ambições políticas.
- Os tribunos podiam convocar a população (*ius agendi cum plebis*), mandar reunir a assembleia da plebe para promulgar leis e intervir na ordem pública (*coercitio*).
- O número anual destes oradores aumentou com o tempo; bem como a sua fama e capacidade de influência, pois participavam no confronto entre a *auctoritas* senatorial e a *libertas* popular, tema recorrente do final da República.
- Estava vedado aos patrícios. No séc. I AC, alguns patrícios abdicaram da sua condição social para serem adotados por plebeus e poderem candidatar-se ao tribunato da plebe. Ex: Públio Cláudio Pulcro (Clódio) e Públio Cornélio Dolabela.
- O tribuno era considerado sacrossanto, pelo que ninguém podia atacar a sua pessoa ou o seu poder de veto (em teoria; na prática muitos foram assassinados).

Tribuno da plebe (populista?)

- Alguns tribunos eram bem-intencionados (talvez os irmãos Graco)
- Muitos eram corruptos e desobedientes às normas (ou costumes) e defendiam projetos de lei que os favoreciam a eles, aos amigos e aos patronos. A sociedade romana era clientelista (cada patrono tinha a sua lista de clientes).
- Os tribunos da plebe seduziam o povo com brilharetes de oratória, usavam o povo como marionete e tudo faziam para levar a sua avante. Como conseguiam agitar as multidões, à revelia do Senado, contribuía para a tensão social.
- Cícero chegou a considerar o cargo *nascido na sedição e para causar sedição*.
- Mas ao lutar contra interesses instalados, os tribunos da plebe também se expunham à ira alheia, alguns demasiado, tornando-se vítimas.
- A forma mais contundente de travar a reivindicação tribunícia era aplicar o *senatus consultum ultimum*, que decretava medidas de exceção em defesa da *res publica*. A primeira vez que isso aconteceu levaria à morte de Gaio Graco e dos seus seguidores.
- Todos os tribunos da plebe assassinados desde os tempos de Tibério Graco foram, de alguma forma, acusados de minar o regime político em que viviam.

- A administração do Estado foi sendo reformada pela força dos acontecimentos, até de forma violenta porque, nos sécs. II-I a.C., o sistema tornou-se insuficiente para controlar o populismo que propagava num clima de perpétua campanha eleitoral e, cujos extremismos (de retórica, ideológicos ou programáticos) abriam portas a sucessivas invasões do *pomerium* e a guerras civis que só terminariam com o Principado.
- Foi após um banho de sangue que o onnipotente *Princeps Senatus* se reinventou com novo nome (Augusto), recorrendo a propaganda de amplo alcance popular para convencer os povos que conquistara, inclusivamente os romanos, de que era o salvador da pátria e que seria o garante da *pax romana*.

Conclusão

- O populismo foi arma de arremesso que fez chorar a República e contribuiu para a sua queda. Mas também foi um dos instrumentos que Augusto utilizou na sua ascensão ao poder e que mais contribuíram para a mudança de regime político (Império).
- Fica o aviso.